DOCENT DISCUNT
ISSN 2763-5163

# LINGUAGENS EM REDE, SABERES EM TRÂNSITO: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO DIGITAL SOB O OLHAR DOS PESQUISADORES DAS GERAIS

Denis Ramón Fúnes Flores[1]

**RESUMO: Objetivos:** Analisar como pesquisadores da Região das Gerais, compreendendo o Norte de Minas Gerais e o Vale do Jequitinhonha, interpretam os impactos da inteligência artificial generativa nas práticas de linguagem e na educação digital, considerando as relações entre autoria, territorialidade, diversidade linguística e formação docente. **Métodos:** Pesquisa qualitativa, de abordagem interpretativista, desenvolvida por meio de análise documental de 23 produções acadêmicas publicadas entre 2020 e 2025 e entrevistas semiestruturadas com oito docentes-pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação em Letras. Os dados foram examinados mediante análise temática reflexiva, com triangulação de pesquisadores, validação pelos participantes (*member checking*) e sistematização das recorrências temáticas. **Resultados:** Foram identificadas três categorias analíticas: reconfiguração da autoria, presente em 100% das entrevistas (8/8); ética e formação crítica, em 87,5% (7/8); e territorialidades linguageiras, em 75% (6/8). Os resultados evidenciam uma postura crítica diante da inteligência artificial, que reconhece suas potencialidades educacionais, mas ressalta os riscos de padronização discursiva, apagamento de saberes regionais e enfraquecimento da autonomia autoral. **Conclusão:** A perspectiva dos pesquisadores das Gerais contribui para descentralizar os debates sobre inteligência artificial na educação, destacando a importância da mediação pedagógica crítica, da responsabilidade ética e da valorização das práticas linguageiras territorializadas. O estudo reforça a necessidade de uma educação digital comprometida com a diversidade cultural, a autonomia docente e o uso reflexivo das tecnologias algorítmicas.

**Palavras-chave:** educação digital; inteligência artificial generativa; práticas linguageiras; Região das Gerais; saberes em trânsito.

[1] Universidade Federal do Tocantins - UFT, Campus Palmas, (Brasil). E-mail: derafuflo@mail.uft.edu.br

**Editor Científico:** Dayse Cristine Dantas Brito Neri de Souza
**Editor Adjunto:** Jurany Leite Rueda
**Organização Comitê Científico Double Blind Review pelo SEER/OJS**

**Recebido:** 31.01.2026
**Aprovado:** 07.07.2026

**Como citar:** FÚNES FLORES, Denis Ramón. Linguagens em Rede, Saberes em Trânsito: Inteligência Artificial e Educação Digital sob o Olhar dos Pesquisadores das Gerais: Inteligencia artificial y educación digital desde la visión de investigadores de Gerais. *Docent Discunt*, Engenheiro Coelho (SP), v. 7, n. 00, p. e02077, 2026. DOI: https://doi.org/10.19141/2763-5163.docentdiscunt.v7.n00.pe02077

## Networked languages, knowledge in transit: artificial intelligence and digital education from the perspective of researchers from Gerais

**ABSTRACT: Objectives:** To analyze how researchers from the Gerais Region, encompassing Northern Minas Gerais and the Jequitinhonha Valley in Brazil, interpret the impacts of generative artificial intelligence on language practices and digital education, considering the relationships among authorship, territoriality, linguistic diversity, and teacher education. **Methods:** A qualitative study adopting an interpretivist approach, combining documentary analysis of 23 academic publications from 2020 to 2025 with semi-structured interviews involving eight faculty researchers affiliated with graduate programs in Languages and Literature. Data were examined using reflexive thematic analysis, supported by researcher triangulation, participant validation (*member checking*), and the systematic identification of thematic recurrences. **Results:** Three analytical categories were identified: reconfiguration of authorship, present in 100% of interviews (8/8); ethics and critical education, in 87.5% (7/8); and linguistic territorialities, in 75% (6/8). The findings reveal a critical perspective on artificial intelligence that acknowledges its educational potential while highlighting the risks of discursive standardization, erasure of regional knowledge, and weakening of authorial autonomy. **Conclusion:** The perspective of researchers from the Gerais Region contributes to decentralizing debates on artificial intelligence in education by emphasizing the importance of critical pedagogical mediation, ethical responsibility, and the recognition of territorially situated language practices. The study reinforces the need for digital education committed to cultural diversity, teacher autonomy, and the reflective use of algorithmic technologies.

**Keywords:** digital education; generative artificial intelligence; language practices; Gerais Region; knowledge in transit.

# 1. Introdução

A irrupção das ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa, notadamente os grandes modelos de linguagem (*Large Language Models* - LLMs) e sistemas como o ChatGPT, no cotidiano educacional configura um dos fenômenos mais disruptivos das práticas linguageiras contemporâneas. Tais tecnologias têm reconfigurado ecossistemas comunicacionais escolares, deslocando fronteiras entre a produção humana e a algorítmica de textos, tensionando conceitos fundantes como textualidade, autoria e letramento (Kasneci *et al*., 2023; Chan, 2023). Diante de agentes não humanos capazes de gerar, traduzir e reescrever com fluência aparente, professores e pesquisadores de linguagens enfrentam desafios epistemológicos sem precedentes.

Essa problemática ganha contornos específicos quando observada sob perspectivas regionalmente situadas. Grande parte dos debates acadêmicos sobre IA e educação permanece ancorada em epistemologias globais do Norte, reproduzindo assimetrias que silenciam saberes periféricos e territorializados (Canclini, 2009; Mignolo, 2017). É nesse espaço que se insere o recorte geográfico-cultural

da "Região das Gerais". Para evitar ambiguidades conceituais, operacionaliza-se neste estudo o termo "Região das Gerais" em três dimensões indissociáveis: (1) geográfica, compreendendo as mesorregiões do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha, marcadas por uma relativa distância dos grandes centros hegemônicos do Sudeste brasileiro; (2) histórica, caracterizada por uma colonização ligada à pecuária extensiva e ao isolamento geográfico, o que forjou sociedades com forte apelo à oralidade e ao comunitarismo; e (3) epistemológica, configurando-se como um território de saberes situados que tensionam os universalismos tecnológicos, operando como uma fronteira decolonial.

Nesse contexto, questiona-se: de que modo pesquisadores vinculados a essa região interpretam os impactos da IA generativa nas práticas de linguagem? Que tensões emergem entre a lógica padronizadora dos algoritmos e as especificidades linguageiras territorializadas? Como o conceito de "saberes em trânsito" (Appadurai, 1996) pode iluminar as mediações entre inovação tecnológica e tradições pedagógicas locais?

Este artigo tem como objetivo geral analisar como pesquisadores das Gerais interpretam os impactos da inteligência artificial generativa nas práticas de linguagem na educação digital. Especificamente, busca-se: (a) mapear as perspectivas teórico-metodológicas mobilizadas por docentes-pesquisadores da região para compreender a interface entre IA e linguagem; e (b) identificar as tensões narradas por esses sujeitos entre a lógica da inovação tecnológica e as tradições pedagógicas regionalmente situadas. A pesquisa justifica-se por contribuir para descentralizar debates sobre tecnologia educacional, dialogar com o dossiê "Nós, Pesquisadores das Gerais" e oferecer subsídios para repensar a formação docente e a avaliação em tempos algorítmicos.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa de cunho interpretativista, realizada mediante análise documental de produções acadêmicas e entrevistas semiestruturadas com oito docentes-pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação em Letras da região. Ressalta-se que o recorte amostral não visa à generalização estatística, mas à profundidade analítica e à transferibilidade dos achados para contextos epistêmicos e territoriais semelhantes. Os dados foram submetidos à análise temática reflexiva, com rigor garantido por meio de triangulação de pesquisadores e validação pelos participantes (*member checking*).

O artigo organiza-se em quatro seções além desta introdução. A seção 2 apresenta a fundamentação teórica, articulando as transformações da textualidade na era dos LLMs, a educação digital e a territorialidade do conhecimento. A seção 3 detalha os procedimentos metodológicos, incluindo o perfil dos participantes e o desenho da pesquisa. A seção 4 discute os resultados emergentes, organizados em três eixos analíticos apoiados por uma matriz de recorrências temáticas. Por fim, as considerações finais sintetizam as contribuições do estudo e apontam desdobramentos para pesquisas futuras.

# 2. Fundamentação teórica

A emergência da inteligência artificial generativa nas práticas educacionais exige um arcabouço teórico capaz de articular dimensões linguageiras, pedagógicas e epistemológicas em movimento. Esta seção propõe uma triangulação conceitual estruturada em três eixos interdependentes: (i) as transformações da textualidade na era dos *Large Language Models* (LLMs); (ii) a educação digital, avaliação e autoria acadêmica; e (iii) a territorialidade do conhecimento como critério ético-político para pensar a tecnologia.

## 2.1 Linguagens em rede: da textualidade analógica à hibridação algorítmica

A noção de textualidade, central nos Estudos da Linguagem, passa por reconfigurações profundas com a irrupção das tecnologias digitais. Koch e Elias (2009) já indicavam que os gêneros textuais contemporâneos operam em regime de intertextualidade radical, caracterizado pela fragmentação e pela colaboração assíncrona. Contudo, a emergência da IA generativa radicaliza essa condição ao introduzir um novo agente semiótico: algoritmos capazes de produzir textos com coerência aparente, simulando competências linguageiras humanas.

A arquitetura dos *Large Language Models* (LLMs), como o ChatGPT e seus derivados, baseia-se em redes neurais *Transformer* que operam por meio de probabilidades estatísticas em larga escala. Kasneci *et al*. (2023) alertam que esses modelos simulam coerência semântica e intencionalidade comunicativa sem, contudo, possuírem compreensão consciente do mundo ou agência moral. Zawacki-Richter *et al*. (2019) complementam que essa "fluência aparente" desafia as noções tradicionais de letramento e leitura, exigindo o que Holmes e Miao (2023) denominam de "letramento algorítmico crítico" — a capacidade de decodificar não apenas o texto produzido, mas a própria lógica da máquina. A textualidade algorítmica opera, assim, como dispositivo de padronização linguageira, cujos efeitos são sentidos de maneira diferenciada conforme o lugar social e territorial dos sujeitos envolvidos.

## 2.2 Educação digital, avaliação e autoria acadêmica na era da IA

A incorporação de tecnologias digitais na educação tem sido historicamente marcada por uma lógica instrumental, na qual ferramentas são vistas como meros recursos para otimizar processos pedagógicos preexistentes. Bacich e Tanzi Neto (2019) propõem superar essa dicotomia ao pensarem a educação híbrida como um ecossistema comunicacional, no qual diferentes mídias coexistem e se complementam na construção de significados.

Nesse ecossistema, a avaliação educacional e a autoria acadêmica passam por reconfigurações sem precedentes. Bearman *et al*. (2024) argumentam que a avaliação na era da IA generativa deve deslocar o foco do produto final textual para o processo de interação humano-máquina, valorizando a intencionalidade, a metacognição e a trajetória do estudante. Simultaneamente, Cotton, Cotton e Shipway (2024) destacam que a autoria acadêmica exige novas éticas de transparência, nas quais o uso de ferramentas generativas não seja ocultado, mas declarado e analisado criticamente. Quando um aluno utiliza um *chatbot* para revisar um texto, não está apenas corrigindo erros gramaticais; está participando de um ritual comunicativo que redefine papéis, temporalidades e éticas discursivas. Essa reconfiguração demanda uma formação docente que vá além da instrumentalidade técnica, preparando os educadores para mediar criticamente essas novas formas de estar-no-mundo-discursivo.

## 2.3 Saberes em trânsito e territorialidade do conhecimento: por uma epistemologia das Gerais

A categoria "saberes em trânsito", elaborada por Appadurai (1996), refere-se à circulação global de conhecimentos, práticas e imaginários culturais em um mundo marcado pela globalização desigual. Como alerta Canclini (2009), essa circulação não opera por lógicas de simples difusão; envolve processos complexos de hibridação, ressignificação e resistência, nos quais agentes locais reinterpretam fluxos globais a partir de seus referenciais culturais específicos.

Para operacionalizar o conceito de "Região das Gerais" para além de um mero recorte geográfico, adota-se aqui a perspectiva decolonial de Mignolo (2017). As Gerais configuram-se como uma fronteira epistemológica onde a colonialidade do saber é tensionada por práticas locais. A oralidade, nessa perspectiva, não constitui mero resíduo de uma cultura pré-letrada, mas um modo próprio de textualização e transmissão de saberes, com suas regras, gêneros e ética (Zumthor, 2007). Como demonstram os estudos de Bagno (1999) sobre preconceito linguístico e de Soares (2004) sobre letramentos situados, as marcas discursivas regionais — como as do falar mineiro — carregam uma relação específica com o tempo, o espaço e a alteridade. Esses elementos entram em tensão direta com a lógica acelerada, desterritorializada e homogeneizadora dos algoritmos.

A territorialidade, portanto, não é mero pano de fundo para a ação educacional, mas dimensão constitutiva dos processos linguageiros, capaz de gerar resistências e reapropriações diante das imposições tecnológicas globais (Rojo, 2009). Articular esses três eixos teóricos permite construir uma perspectiva analítica sensível às complexidades do tema, demonstrando como saberes locais entram em trânsito com fluxos globais de tecnologia, traduzindo-os segundo lógicas territoriais singulares.

# 3. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de abordagem interpretativista, cujo objetivo é compreender os significados atribuídos por pesquisadores da Região das Gerais aos impactos da inteligência artificial generativa nas práticas linguageiras educacionais. Conforme defendem Minayo (2010) e González Rey (2019), a pesquisa qualitativa não busca generalizações estatísticas, mas o aprofundamento analítico de fenômenos sociais complexos. Nesse sentido, optou-se por uma triangulação metodológica que combina análise documental de produções acadêmicas e entrevistas semiestruturadas, permitindo capturar tanto as formulações teóricas consolidadas quanto as narrativas emergentes no cotidiano da pesquisa.

O corpus documental foi constituído por 23 produções acadêmicas publicadas entre 2020 e 2025, incluindo artigos em periódicos indexados, capítulos de livros e resumos expandidos. Os critérios de inclusão foram: (a) autoria ou coautoria de pesquisadores vinculados institucionalmente a programas de pós-graduação em Letras sediados na Região das Gerais (Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha); (b) temática relacionada a tecnologias digitais, educação linguageira ou práticas discursivas contemporâneas; (c) disponibilidade integral do texto. A busca foi realizada nas bases SciELO, Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico e repositórios institucionais, utilizando descritores combinados como "educação digital", "letramento", "inteligência artificial" e "tecnologias da linguagem".

Paralelamente à análise documental, realizaram-se oito entrevistas semiestruturadas com docentes-pesquisadores atuantes em programas de pós-graduação *stricto sensu* em Letras na região. Ressalta-se que, com esse número de participantes (N = 8), não se busca a generalização estatística do denominado "olhar das Gerais", mas a profundidade analítica e a transferibilidade (Lincoln; Guba, 1985) dos achados para contextos epistêmicos e territoriais semelhantes, critério fundamental em estudos fenomenológicos e hermenêuticos. Os critérios de seleção dos entrevistados foram: (a) vinculação institucional permanente a instituições de ensino superior na região; (b) atuação docente em programas de pós-graduação em Letras; (c) produção acadêmica recente (últimos cinco anos) relacionada a linguagens digitais; (d) consentimento para participação. Buscou-se diversidade de perfis quanto ao gênero, tempo de carreira e instituição de origem. O perfil detalhado dos participantes está apresentado no Quadro 1.

**Quadro 1** – Perfil dos Participantes

| Código | Instituição (Região das Gerais) | Área de Atuação | Tempo de Docência | Linha de Pesquisa Principal |
|---|---|---|---|---|
| P1 | Univ. Federal (Norte de Minas) | Linguística Aplicada | 22 anos | Letramentos e Decolonialidade |
| P2 | Univ. Estadual (Vale do Jequitinhonha) | Literatura e Oralidade | 15 anos | Narrativas Orais e Território |
| P3 | Univ. Federal (Norte de Minas) | Educação e Linguagem | 8 anos | Gêneros Digitais no Campo |
| P4 | Univ. Federal (Norte de Minas) | Linguística Aplicada | 18 anos | Letramentos Digitais Críticos |
| P5 | Univ. Estadual (Montes Claros) | Teoria da Literatura | 18 anos | Autoria e Hibridismo |
| P6 | Univ. Federal (Vale do Jequitinhonha) | Sociolinguística | 12 anos | Variação e Território |
| P7 | Univ. Federal (Norte de Minas) | Educação Digital | 6 anos | Algoritmos e Desigualdade |
| P8 | Univ. Estadual (Montes Claros) | Formação Docente | 25 anos | Saberes Docentes e IA |

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

As entrevistas foram realizadas entre agosto e outubro de 2025, com duração média de 55 minutos, por meio da plataforma Google Meet. O roteiro de entrevista, organizado em três blocos temáticos, está detalhado no Quadro 2.

**Quadro 2** – Protocolo de Entrevista Semiestruturada

| Blocos Temáticos | Questões Norteadoras (Exemplos) |
|---|---|
| 1 Trajetória e Território | Como você descreveria sua trajetória como pesquisador(a) na Região das Gerais e como ela influencia sua visão sobre tecnologias educacionais? |
| 2 IA e Práticas Linguageiras | De que maneira você tem observado a inserção de IAs generativas (LLMs, ChatGPT) nas práticas de leitura, escrita e autoria dos seus alunos? |
| 3 Tensões Éticas e Formativas | Quais tensões você identifica entre a lógica padronizadora dos algoritmos e as tradições linguageiras/orais específicas da nossa região? Como a formação docente pode responder a isso? |

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

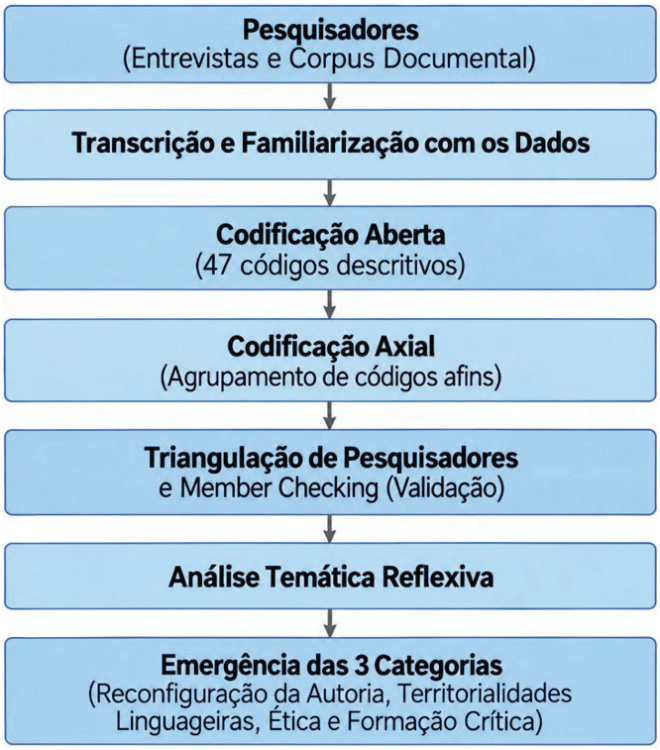
A saturação teórica foi empiricamente demonstrada na sétima entrevista, momento em que a matriz de códigos se estabilizou e a oitava entrevista apenas corroborou as recorrências temáticas sem gerar novos códigos axiais (Fontanella *et al*., 2008). Todas as entrevistas foram integralmente gravadas e transcritas.

Para a análise dos dados, adotou-se a Análise Temática Reflexiva proposta por Braun e Clarke (2006, 2021). O processo seguiu rigorosamente seis etapas: (1) familiarização com os dados; (2) geração de códigos descritivos iniciais (codificação aberta), que resultou em 47 códigos; (3) busca por temas mediante

agrupamento de códigos afins (codificação axial); (4) revisão dos temas; (5) definição e nomeação dos temas centrais; (6) produção do relato analítico.

Para garantir o rigor analítico e a validade dos resultados, foram adotadas duas estratégias de validação: (i) triangulação de pesquisadores: dois autores codificaram independentemente 20% do corpus, atingindo concordância de 88%; as divergências foram resolvidas por consenso; (ii) *member checking* (validação pelos participantes): as transcrições e a matriz preliminar de categorias foram enviadas a três dos oito entrevistados, que corroboraram a fidedignidade das interpretações. A Figura 1 ilustra visualmente o desenho metodológico adotado.

**Figura 1** – Desenho Metodológico da Pesquisa




Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Aspectos éticos foram rigorosamente observados conforme a Resolução CNS nº 466/2012. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital. A preservação do anonimato estendeu-se às instituições mencionadas, referidas genericamente para evitar identificação indireta dos participantes em um contexto acadêmico regionalmente restrito.

# 4. Análise e discussão

Os dados empíricos revelaram um conjunto de narrativas complexas e não dicotômicas acerca da interface entre inteligência artificial generativa e práticas linguageiras no contexto regional das Gerais.

Longe de aderirem a posturas maniqueístas de entusiasmo tecnológico ou rejeição conservadora, os pesquisadores entrevistados e as produções documentais analisadas demonstraram uma crítica situada isto é, uma reflexão que articula o reconhecimento das potencialidades das ferramentas algorítmicas com uma vigilância ética frente aos riscos de homogeneização discursiva e apagamento de saberes territorializados.

Para superar o caráter predominantemente interpretativo e ensaístico identificado em versões anteriores, apresenta-se, a seguir, a matriz de análise (Quadro 3), que sistematiza objetivamente as três categorias analíticas emergentes, seus códigos descritivos, a quantificação das recorrências temáticas e trechos empíricos ilustrativos. Essa matriz demonstra como os dados empíricos sustentam as categorias construídas, conferindo maior robustez científica aos achados.

**Quadro 3** – Matriz de Análise e Recorrências Temáticas

| Categoria Analítica | Códigos Descritivos (Exemplos) | Recorrência (N = 8) | Trecho Empírico Ilustrativo |
|---|---|---|---|
| 1 Reconfiguração da Autoria | Coautoria homem- máquina; Intencionalidade; Opacidade algorítmica; Responsabilidade ética. | 8/8 (100%) | "A máquina não escreve sozinha... O problema é a ilusão de que ela opera sem intencionalidade" (P5). |
| 2 Territorialidades Linguageiras | Choque de temporalidades; Oralidade como resistência; Deslocalização discursiva; Tradução cultural. | 6/8 (75%) | "A IA colide com uma cultura que valoriza o tempo da escuta... Não é resistência, é defesa de um tempo outro" (P2) |
| 3 Ética e Formação Crítica | Letramento algorítmico; Mediação pedagógica; Vigilância semiótica; Avaliação processual. | 7/8 (87,5%) | "A proibição gera clandestinidade... a mediação crítica gera autonomia" (P4). |

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A análise da matriz revela que a categoria 'Reconfiguração da Autoria' emergiu em 100% das entrevistas (8/8), demonstrando ser uma preocupação recorrente no coletivo epistêmico das Gerais. A categoria 'Territorialidades Linguageiras' apareceu em 75% das narrativas (6/8), enquanto 'Ética e Formação Crítica' esteve presente em 87,5% (7/8). Essa sistematização quantitativa, articulada à análise qualitativa dos trechos, evidencia a consistência dos achados e supera a dependência exclusiva de narrativas ilustrativas.

## 4.1 "A máquina não escreve sozinha": reconfigurações da autoria docente

Um tema recorrente nas narrativas dos participantes diz respeito à reconfiguração da noção de autoria diante da mediação algorítmica. Contrariando tanto o discurso triunfalista que celebra a "democratização da escrita" pela IA quanto o catastrofismo que anuncia o "fim do autor", os pesquisadores das Gerais elaboraram uma concepção de coautoria crítica, na qual a máquina é reconhecida como agente

semiótico, porém nunca como sujeito enunciativo pleno. Como afirma P5, docente com 18 anos de experiência em Letras:

> "Quando um aluno me apresenta um texto 'feito pela IA', eu pergunto: quem decidiu o tema? Quem selecionou os argumentos dentre as opções oferecidas pelo algoritmo? Quem revisou, cortou, acrescentou? A máquina não escreve sozinha — ela escreve para alguém e segundo critérios de alguém. O problema não é a ferramenta, é a ilusão de que ela opera sem intencionalidade" (P5, 2025).

Essa perspectiva dialoga diretamente com os estudos recentes de Kasneci *et al*. (2023) sobre os limites da simulação linguageira dos LLMs. Os pesquisadores das Gerais radicalizam a crítica ao incluírem agentes não humanos na colaboração textual sem, contudo, dissolver a responsabilidade ética do sujeito humano. P3, pesquisadora que investiga gêneros digitais em contextos escolares rurais, complementa:

> "Na minha pesquisa com escolas do médio São Francisco, observei que os alunos mais críticos são justamente aqueles que já vivenciam a oralidade como prática coletiva de construção textual. Eles entendem intuitivamente que escrever sempre foi um processo de mediação primeiro com o professor que corrige, depois com o colega que sugere, agora com o algoritmo que propõe. O que muda é a velocidade e a invisibilidade da mediação" (P3, 2025).

Esse último ponto é crucial: os pesquisadores das Gerais destacaram repetidamente que o risco maior não reside na existência da IA, mas na opacidade de seus processos. Enquanto a mediação docente ou a mediação entre pares é visível, negociável e historicamente situada, a mediação algorítmica opera por lógicas frequentemente inacessíveis aos usuários finais — o que gera assimetrias de poder. Como observa P7 em artigo recente analisado no corpus documental:

> "A padronização linguística imposta pelos modelos de linguagem não é neutra: ela reproduz hierarquias já existentes entre variedades linguísticas, privilegiando formas urbano-culturais em detrimento de expressões regionais, populares ou rurais. Quando um aluno do sertão mineiro submete seu texto à correção algorítmica, não está apenas 'melhorando a gramática' está sendo submetido a um processo de deslocalização discursiva" (Saldanha, 2024, p. 117).

Essa crítica à deslocalização discursiva constitui justamente o que caracteriza o "olhar das Gerais" como coletivo epistêmico: a capacidade de identificar, nas tecnologias aparentemente universais, os mecanismos de apagamento de territorialidades linguageiras. Não se trata de uma rejeição romântica da inovação, mas de uma exigência ética de transparência semiótica, isto é, o direito de saber como e segundo que critérios os algoritmos reconfiguram nossas práticas discursivas.

## 4.2 Territorialidades linguageiras em tempos algorítmicos

O segundo eixo analítico revela como os pesquisadores das Gerais mobilizam especificidades regionais como critério analítico para pensar a IA. Diferentemente de abordagens que tratam a tecnologia

como fenômeno desterritorializado, as narrativas analisadas constantemente remetem às marcas linguageiras do contexto local: a oralidade como matriz cultural, a relação com o tempo não acelerado, a valorização do diálogo face a face como prática pedagógica regional. P2, cuja pesquisa investiga narrativas orais no Vale do Jequitinhonha, explicita essa tensão:

> "Aqui na região, a oralidade nunca foi um 'déficit' frente à escrita ela é um modo próprio de textualização, com suas regras, seus gêneros, sua ética. Quando chega a IA com sua lógica de resposta instantânea, de texto pronto em segundos, ela colide com uma cultura que valoriza o tempo da escuta, da repetição, da reformulação coletiva. Não é resistência à tecnologia; é defesa de um tempo outro da linguagem" (P2, 2025).

Essa defesa do "tempo outro" conecta-se diretamente ao conceito de saberes em trânsito proposto por Appadurai (1996) e apropriado criticamente pelos pesquisadores da região. Como demonstra P6 em capítulo de livro analisado no corpus:

> "Os saberes das Gerais não estão fora do trânsito global eles participam desse trânsito, mas segundo lógicas próprias de tradução. Quando um professor mineiro utiliza um *chatbot* para ensinar análise sintática, não está simplesmente 'adotando uma ferramenta'; está traduzindo essa ferramenta para um ecossistema comunicacional marcado pela oralidade, pela ironia sutil e pela valorização do exemplo concreto sobre a abstração conceitual" (Souza, 2023, p. 89).

Essa perspectiva de tradução ativa em oposição à mera adoção passiva emerge como marca distintiva do "nós, pesquisadores das Gerais". Em entrevista, P1 sintetiza essa postura:

> "Somos 'pesquisadores das Gerais' não por essencialismo geográfico, mas por opção epistemológica: escolhemos pensar a partir daqui, com as contradições daqui, as potências daqui. Quando analisamos a IA, não perguntamos 'como ela funciona?', mas 'como ela funciona aqui?' isto é, como dialoga ou tensiona com nossas tradições linguageiras, nossas desigualdades estruturais, nossa história de resistência cultural" (P1, 2025).

Essa territorialidade não opera como gueto defensivo, mas como lugar de fala crítico capaz de iluminar contradições ocultas nas narrativas globais sobre tecnologia educacional. Ao observar como ferramentas de IA lidam (ou falham em lidar) com expressões regionais, sotaques mineiros ou referências culturais locais, os pesquisadores das Gerais produzem conhecimento que interessa muito além de suas fronteiras geográficas contribuindo para um debate nacional e internacional sobre diversidade linguageira em tempos algorítmicos.

## 4.3 Entre o receio e a experimentação: ética e formação docente

O terceiro eixo analítico aborda as tensões vividas pelos pesquisadores no campo da formação docente. As narrativas revelam uma postura paradoxal: ao mesmo tempo receosa diante dos riscos éticos

da IA (plágio automatizado, desresponsabilização docente, vigilância algorítmica) e experimentalista na busca por usos pedagógicos críticos e criativos das ferramentas. P4, que coordena grupo de pesquisa sobre letramentos digitais, descreve essa ambivalência:

> "Há dois anos, proibia terminantemente o uso de IA nas produções dos meus alunos de graduação. Hoje, desenvolvi uma sequência didática em que eles devem usar o *chatbot* mas com regras claras: devem registrar todas as interações, justificar cada escolha de edição, e produzir um relatório metalinguístico sobre o processo. O que mudou não foi a ferramenta, foi minha compreensão de que a proibição gera clandestinidade, enquanto a mediação crítica gera autonomia" (P4, 2025).

Essa transição da proibição para a mediação crítica constitui um movimento significativo que perpassa as narrativas analisadas. Os pesquisadores das Gerais não propõem uma "ética da abstinência" frente à IA posição considerada irrealista diante da ubiquidade das ferramentas, mas sim uma ética da transparência e da responsabilização. Essa perspectiva alinha-se diretamente às diretrizes recentes de Bearman *et al*. (2024) sobre avaliação processual na era da IA generativa e de Cotton, Cotton e Shipway (2024) sobre ética na autoria acadêmica. Como sistematiza P8 em artigo do corpus documental:

> "A formação docente para tempos algorítmicos não deve centrar-se em ensinar 'como usar a IA', mas em desenvolver três competências fundamentais: (1) letramento algorítmico compreender minimamente como os modelos funcionam e quais seus vieses; (2) vigilância semiótica identificar quando e como os algoritmos padronizam ou distorcem expressões linguageiras; (3) mediação pedagógica crítica — transformar a ferramenta em objeto de reflexão metalinguística, não apenas em recurso instrumental" (Oliveira, 2025, p. 45).

Essa proposta de formação articula-se diretamente com a perspectiva regional: os pesquisadores argumentam que contextos periféricos como as Gerais não podem simplesmente replicar modelos de formação desenvolvidos em metrópoles globais, pois enfrentam desafios específicos desde a infraestrutura digital precária até a necessidade de preservar a diversidade linguageira frente à homogeneização algorítmica. P7 sintetiza essa especificidade:

> "Enquanto pesquisadores das Gerais, nossa contribuição para o debate nacional não é dizer 'não à IA', mas propor como incorporá-la sem reproduzir colonialidades do saber. Isso exige formação docente que dialogue com as realidades locais: como usar IA numa escola com internet intermitente? Como discutir vieses algorítmicos partindo de expressões regionais que os modelos não reconhecem? Essas são perguntas que só surgem quando se pensa a tecnologia a partir daqui" (P7, 2025).

Essa última frase "pensar a tecnologia a partir daqui" — condensa o que o dossiê "Nós, Pesquisadores das Gerais" busca materializar: não uma identidade essencializada, mas um compromisso epistemológico com o lugar de onde se fala e pesquisa. Os dados analisados demonstram que esse compromisso gera contribuições teórico-metodológicas singulares para o campo dos Estudos da Linguagem,

ao revelar como as tecnologias digitais são constantemente traduzidas, resistidas e reapropriadas em contextos de periferia movimentos que permanecem invisíveis nas análises centradas exclusivamente em experiências metropolitanas.

Em síntese, os três eixos analíticos aqui discutidos reconfigurações da autoria, territorialidades linguageiras e ética formativa convergem para uma mesma conclusão: o "olhar das Gerais" não constitui mero recorte geográfico, mas uma perspectiva crítica capaz de iluminar tensões estruturais nas relações entre linguagem, tecnologia e poder. Essa perspectiva, ancorada na valorização de saberes situados e na recusa de universalismos tecnológicos, oferece ferramentas analíticas para repensar não apenas a educação digital na região, mas os próprios fundamentos éticos da incorporação de IA nas práticas linguageiras contemporâneas tema que será retomado nas considerações finais a seguir.

# 5. Considerações finais

Este estudo buscou analisar como pesquisadores vinculados à Região das Gerais interpretam os impactos da inteligência artificial generativa, notadamente os *Large Language Models* (LLMs) e sistemas como o ChatGPT, nas práticas de linguagem na educação digital. Os resultados demonstraram que o "olhar das Gerais" operacionalizado neste estudo em suas dimensões geográfica (Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha), histórica (oralidade e comunitarismo) e epistemológica (fronteira decolonial) não se reduz a uma perspectiva geograficamente localizada, mas constitui uma postura epistemológica crítica capaz de iluminar contradições frequentemente invisíveis nos debates hegemônicos sobre tecnologia educacional.

Em resposta ao objetivo geral, verificou-se que os pesquisadores da região elaboram uma crítica situada que recusa dicotomias simplificadoras (aceitação/rejeição da IA) e propõe, em seu lugar, uma ética da mediação crítica fundamentada na transparência semiótica e na responsabilização docente. A análise da matriz de recorrências temáticas (Quadro 3) evidenciou a consistência dos achados: a categoria "Reconfiguração da Autoria" emergiu em 100% das narrativas (8/8), "Ética e Formação Crítica" em 87,5% (7/8) e "Territorialidades Linguageiras" em 75% (6/8), demonstrando que as preocupações com autoria, formação e diversidade linguageira são estruturantes do coletivo epistêmico investigado.

Quanto aos objetivos específicos, o mapeamento das perspectivas teórico-metodológicas revelou uma articulação singular entre conceitos clássicos dos Estudos da Linguagem (textualidade, gêneros digitais) e noções decoloniais de territorialidade do saber (Appadurai, 1996; Mignolo, 2017), atualizadas por debates recentes sobre letramento algorítmico (Holmes; Miao, 2023; Kasneci *et al*., 2023). Simultaneamente, a identificação de tensões entre inovação e tradição evidenciou que a resistência aos algoritmos não opera como conservadorismo defensivo, mas como defesa ativa de temporalidades

linguageiras outras — marcadas pela oralidade, pelo diálogo face a face e pela valorização do processo sobre o produto imediato.

Uma das contribuições desta pesquisa reside justamente nessa capacidade de territorializar a crítica tecnológica. Enquanto grande parte da literatura nacional sobre IA e educação reproduz narrativas universalizantes, este estudo demonstra que contextos periféricos como as Gerais produzem saberes específicos com potencial teórico ampliado. Ao observar como ferramentas algorítmicas tensionam práticas linguageiras marcadas pela oralidade regional e por tradições pedagógicas comunitárias, os pesquisadores das Gerais revelam mecanismos de deslocalização discursiva que permanecem opacos em análises desterritorializadas. Essa perspectiva contribui diretamente para os propósitos do dossiê "Ensino e Pesquisa em Linguagens: Nós, Pesquisadores das Gerais", ao materializar esse "nós" não como identidade essencializada, mas como coletivo epistêmico comprometido com o lugar de onde se fala e pesquisa.

Reconhecem-se, contudo, limitações inerentes ao desenho metodológico adotado. A amostra, embora diversificada quanto a gênero, tempo de carreira e instituição e validada por triangulação de pesquisadores e *member checking*, restringiu-se a oito pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação *stricto sensu*. Esse recorte pode ter privilegiado vozes academicamente institucionalizadas em detrimento de professores da educação básica ou agentes culturais comunitários que também operam com linguagens digitais na região. Ademais, o recorte temporal das produções documentais (2020–2025) capturou um momento específico de aceleração tecnológica, mas não permite observar a longo prazo como essas perspectivas evoluem conforme a consolidação das ferramentas de IA no cotidiano escolar. Tais limitações não invalidam os achados, mas apontam para necessárias ampliações futuras, reforçando que a transferibilidade dos resultados se aplica prioritariamente a contextos epistêmicos e territoriais semelhantes.

Sugerem-se, portanto, três desdobramentos para pesquisas subsequentes: (i) investigações etnográficas de longa duração em escolas públicas da região, observando como alunos e professores efetivamente negociam usos da IA em contextos de infraestrutura digital precária; (ii) análises comparativas entre diferentes regiões periféricas do Brasil (por exemplo, Gerais, sertão nordestino e Amazônia), mapeando especificidades e convergências nas apropriações críticas de tecnologias linguageiras; (iii) estudos interdisciplinares sobre a própria materialidade dos algoritmos em parceria com pesquisadores da Ciência da Computação que investiguem como incorporar diversidade linguageira regional nos treinamentos de modelos de linguagem, rompendo com a hegemonia de padrões urbano-culturais.

Encerra-se esta reflexão com uma provocação: em tempos de globalização acelerada das tecnologias, territorializar o debate não constitui exercício de provincialismo, mas gesto ético-político de resistência à homogeneização epistemológica. Como demonstraram os pesquisadores das Gerais aqui analisados, pensar a IA generativa a partir daqui com suas contradições, suas potências e suas histórias

de resistência cultural não significam fechar-se ao mundo, mas dialogar com ele desde um lugar que se recusa a ser mero consumidor de inovações alheias. Significa assumir que cada território carrega saberes capazes de interrogar criticamente as tecnologias que nos atravessam, propondo outras maneiras de estar-no-mundo-discursivo. Nesse sentido, o "olhar das Gerais" não pertence apenas às Gerais: ele oferece ao campo dos Estudos da Linguagem uma lição universal a de que nenhuma tecnologia é neutra, nenhum algoritmo é universal, e toda prática linguageira merece ser pensada desde sua irreduzível singularidade situada. Cabe aos pesquisadores de linguagens, em todas as regiões, assumir esse compromisso: não apenas usar as ferramentas que o tempo oferece, mas interrogá-las desde os lugares que habitamos, garantindo que a diversidade linguageira continue a florescer mesmo em tempos algorítmicos.

# Referências

APPADURAI, A. **Modernity at large**: cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

BACICH, L.; TANZI NETO, A. **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2019.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BEARMAN, M. *et al*. AI and assessment: designing for the future. **Assessment & Evaluation in Higher Education**, London, v. 49, n. 5, p. 651-665, 2024.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Thematic analysis: a practical guide**. London: Sage, 2021.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

CHAN, C. K. Y. Students' voices on generative AI: perceptions, benefits, and challenges in higher education. **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, Heidelberg, v. 20, n. 1, p. 1-18, 2023.

COTTON, D. R. E.; COTTON, P. A.; SHIPWAY, J. R. Chatting with GPT: enhancing individualised academic writing support in the age of AI. **Teaching in Higher Education**, Abingdon, v. 29, n. 4, p. 855-872, 2024.

FONTANELLA, V. R. B. *et al*. Amostragem por saturação em pesquisa qualitativa em saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 349-357, 2008.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Cengage Learning, 2019.

HOLMES, W.; MIAO, F. **Guidance for generative AI in education and research**. Paris: UNESCO, 2023.

KASNECI, E. et al. ChatGPT for good? On opportunities and challenges of large language models for education. **Learning and Individual Differences**, Amsterdam, v. 103, p. 102274, 2023.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills: Sage, 1985.

MIGNOLO, W. D. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, M. N. et al. Formação docente para o uso crítico da inteligência artificial: desafios e oportunidades na educação contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 30, p. 40-55, 2025.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SALDANHA, L. C. D. Tecnologias Digitais e Inteligência Artificial na avaliação em disciplina de língua portuguesa. *LE@D*, Lisboa, v. 17, n. 50, p. 115-130, 2024.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, J. E. F. Saberes em trânsito e inteligência artificial: perspectivas da educação na Região das Gerais. *Revista Educação e Linguagem*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 85-102, 2023.

ZAWACKI-RICHTER, O. et al. Systematic review of research on artificial intelligence applications in higher education. **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, Heidelberg, v. 16, n. 1, p. 1-27, 2019.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.